

## O RELÓGIO

Quem é que sobe as escadas  
Batendo o liso degrau?  
Marcando o surdo compasso  
Com uma perna de pau?

Quem é que tosse baixinho  
Na penumbra da ante-sala?  
Por que resmunga sozinho?  
Por que não cospe e não fala?

Por que dois vermes sombrios  
Passando na face morta?  
E o mesmo sopro contínuo  
Na frincha daquela porta?

Da velha parede triste  
No musgo roçar macio:  
São horas leves e tenras  
Nascendo do solo frio.

Um punhal feriu o espaço. . .  
E o alvo sangue a gotejar,  
Deste sangue os meus cabelos  
Pela vida hão de sangrar.

Todos os grilos calaram  
Só o silêncio assobia;  
Parece que o tempo passa  
Com sua capa vazia.

O tempo enfim cristaliza  
Em dimensão natural;  
Mas há demônios que arpejam  
Na aresta do seu cristal.

No tempo pulverizado  
Há cinza também da morte:  
Estão serrando no escuro  
As tábuas da minha sorte.